

A conversão de Inácio numa perspetiva psicológica Ignatius's conversion from a psychological perspective

ÂNGELA SÁ AZEVEDO¹

Resumo: A conversão de Inácio de Loyola pode ser refletida considerando diferentes perspetivas, nomeadamente a antropológica, a teológica, a sociológica, a psicológica. Refletir sobre o significado e o processo da conversão implica estudar a pessoa convertida, inserida nos seus contextos de referência. Neste âmbito, a Psicologia entendida como a ciência que estuda a pessoa em desenvolvimento ao longo da vida, na sua multidimensionalidade, pode apresentar-se como uma abordagem a considerar no estudo do processo de conversão. Tendo por base a perspetiva psicológica, neste artigo pretende-se refletir sobre o impacto da personalidade de Inácio de Loyola no processo de conversão. Ao mesmo tempo, partindo de estudos anteriores sobre este tema, alicerçar-se-á acrescentar uma visão complementar sobre o processo de conversão. Desenvolveremos, igualmente, as características de Inácio de Loyola em termos de motivação e de autorregulação no sentido de compreender o processo de conversão. Tentar-se-á responder às seguintes questões: Que características de personalidade apresentou Inácio de Loyola que o ajudaram na sua conversão? Poderemos perceber o processo de conversão como um processo motivacional e autorregulatório, tendo por base os modelos construtivistas e sociocognitivos da Psicologia?

Palavras-Chaves: Conversão; Inácio; Personalidade; Psicologia.

Abstract: The conversion of Ignatius of Loyola can be reflected upon from different perspectives, namely anthropological, theological, sociological, and psychological. Reflect on the meaning of conversion implies studying the converted person, inserted into their contexts of reference, and the complex process of conversion. In this framework, Psychology understood as the science that studies the person in development throughout life, in its multidimensionality, may present itself as an approach to be considered in the reflection on the conversion process. From a psychological perspective, this paper aims to reflect the impact of Ignatius of Loyola's personality on the conversion process. At the same time, based on previous studies on this topic, a complementary view on the conversion process is added. In this way we will also develop the characteristics of Ignatius of Loyola in terms of motivation and self-regulation to understand the process of conversion. An attempt will be made to answer the following questions: What personality characteristics did Ignatius of Loyola present that helped him in his conversion? Can we understand the conversion process as a motivational and self-regulatory process, based on the constructivist and socio-cognitive models of Psychology?

Keywords: Conversion; Ignatius; Personality; Psychology.

¹ Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Católica Portuguesa, Braga, Portugal. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-1108-4011>.

A Psicologia estuda a pessoa em desenvolvimento, nas suas diferentes dimensões, ao longo da vida. Desta forma, poderá ajudar na compreensão do que é a conversão, numa abordagem complementar a outras abordagens, especificamente estudando a personalidade do convertido e apresentando uma proposta construtivista de compreensão do processo de conversão. A abordagem que se propõe neste artigo é assumidamente a psicológica, pelo que este texto apela a conceitos que serão brevemente, de uma forma simples e apresentados a propósito ao longo deste artigo. Ainda se acrescenta que, atendendo à formação na área da Psicologia da autora do artigo, o mesmo poderá conter palavras e expressões menos específicas, se considerarmos outras abordagens.

Definição e processo de conversão

Definir e perceber o processo de conversão exige uma primeira incursão histórica, ainda que breve, no sentido de conhecer como este conceito e processo têm vindo a ser refletidos e, ao mesmo tempo, quais as alterações que têm sofrido, conforme a época, os autores e as áreas do conhecimento que se debruçam sobre o seu estudo.

Antes do século XIX, apesar de existirem na literatura várias referências ao fenómeno de conversão, as mesmas são mais dispersas, isto é, apresentam ideias muito diferentes e para

as quais será difícil estabelecer uma linha condutora de pensamento.

Já no século XIX, nomeadamente com a Psicologia Social da Religião, a conversão passa a ser descrita como um processo interior ao indivíduo que se converte e, desta forma, é apresentada na literatura da época como uma experiência subjetiva do sagrado, dependente de quem a experiencia e menos dependente de fatores externos. A conversão é entendida como um fenómeno dependente sobretudo da subjetividade da pessoa convertida, pouco permeável ao meio, contrariamente a definições anteriores em que o sujeito apenas responderia a uma «chamada» do seu meio. No entanto, o meio continuava a ser importante de forma significativa neste processo.

William James apresentou uma definição da conversão associada à regeneração, realçando a passividade da pessoa durante o processo, sendo este inconsciente quando é profundo. Converter-se significa:

regenerar-se, receber a graça, sentir a religião, obter uma graça, [...] um processo, gradual ou repentino, por cujo intermédio um eu até então dividido, e conscientemente errado, inferior e infeliz, se torna unificado e conscientemente certo, superior e feliz, em consequência de seu domínio mais firme das realidades religiosas.
(James, 1995, *apud* Valle, 2002: 62)

Assim, pode referir-se que, na primeira metade do século XX, se assistiu ao interesse pelo

estudo da conversão através dos aspetos perceptivos e psicoafetivos (inconscientes, sobre-tudo). No entanto, permanece a passividade do sujeito no processo de conversão, não pela predominância do meio, mas pelo facto de as características pessoas que interferem no processo serem, quase exclusivamente, de tipo inconsciente.

No decurso da segunda guerra mundial, surgiram teorias gerais mais compreensivas, humanistas e abrangentes, nomeadamente na área da Psicologia. Desta forma, a pessoa passou a apresentar um papel central, entendida como um ser pensante munido não só de pensamentos, mas igualmente de sentimentos e experiências que farão com que aprenda e experiencie a realidade de uma forma subjetiva e específica. O comportamento, o que é observável, deixa, desta forma, de ser uma dimensão preferencial da ciência. Neste enquadramento, a conversão começa a ser considerada como uma experiência subjetiva e dependente da pessoa convertida. É nesta sequência de ideias que encontramos várias referências na Psicologia Fenomenológica à conversão. Segundo Pacheco, Silva e Ribeiro (2007: 54), «A Psicologia Fenomenológica busca, então, um desvelamento hermenêutico das construções de sentido experimentadas por um sujeito que promove mudanças em si mesmo e no seu mundo, a partir da experiência religiosa chamada conversão.

Resultado das abordagens mais recentes da Psicologia, nomeadamente sociocognitivas e construtivistas, assiste-se a um reforço da descrição do processo de conversão como resultado de uma experiência pessoal, em que o convertido apresenta o papel principal, um papel ativo, tomando decisões, assumindo e concretizando decisões conforme vai atribuindo significado às suas experiências de vida, numa perspetiva de construção ou reconstrução do seu Eu e do mundo exterior:

A experiência da conversão se dá por uma espécie de «metamorfose da consciência», na qual um novo sentido da experiência reordena todo o universo de significações de um sujeito. Essa experiência institui um momento histórico de reconstrução do sentido do mundo e de si mesmo, para um sujeito, a tal ponto que o seu relato comumente faz referências a símbolos de «um novo nascimento» (Alves, 1984, *apud* Pacheco, Silva e Ribeiro, 2007: 53)

Ainda nesta abordagem, outros autores acrescentaram a noção de crise associada à conversão, como se esta implicasse uma rotura com o que é considerado convencional e, consequentemente, uma «nova vida». Igualmente, Carrier (1988: 41) define a conversão como «uma adesão total, repentina e frequentemente acompanhada de crise, aos valores compartilhados com uma dada comunidade; a experiência tenderá à reunificação da personalidade e à integração social». É de notar

que esta definição apresenta a crise associada a esta mudança brusca que parece estar presente no início do processo de conversão e que depois se dilui, à medida que se opera a reconstrução anteriormente descrita.

Ao mesmo tempo, surgiram abordagens que acrescentam aos aspectos referidos anteriormente a preponderância das experiências sociais no desenvolvimento em geral e em experiências particulares, como a conversão. Vigotsky é um dos autores mais referidos pela literatura que reforça a importância das experiências sociais. Com este autor, a conversão passa a ser entendida como um processo social que implica transformação das relações sociais em funções psicológicas, isto é, as experiências sociais, ao serem interiorizadas, formam as funções mentais, permitem que se pense e se sinta. Refere-se a um processo não automático, de transformação e internalização; de reconstrução da identidade, que pressupõe a atividade da pessoa. Implica mudança, mas, ao mesmo tempo, a continuação da sua essência, defendendo que a conversão é um processo reversível (Vigotsky, 1994, *apud* Sirgado, 2000).

Ainda no século xx, dando continuidade aos aspectos salientes anteriormente, algumas definições de conversão enfatizam a noção de aceitação, mas sobretudo por um grupo religioso restrito: «a aceitação imprevista de um papel social valorizado pelo grupo religioso» (Zetterberg, 1952, *apud* Valle, 2002: 64). A acei-

tação requer, simultaneamente, uma relação com outros ou com um grupo, e a forma como cada um pensa e sente essa relação, essa interação. Ao mesmo tempo, este grupo apresenta características religiosas específicas e, portanto, no processo de conversão existirá uma identificação com princípios, valores da comunidade religiosa de pertença ou a que se pretende pertencer.

Considerando as definições descritas anteriormente, pode-se concluir que a conversão é um processo complexo, multidimensional, que implica pensamentos, emoções e comportamentos. Está associada a mudanças significativas na identidade pessoal e na forma como o convertido se relaciona no seu meio, especificamente com o seu grupo religioso.

Muito recentemente, século xxi, encontramos autores que consideram que a conversão é, acima de tudo, um processo que ocorre (Duarte, 2018: 170) num clima de intimidade relacional.

A intimidade, como bem sabe todo aquele que ama autenticamente, faz de duas vontades uma só, sem que nenhuma daquelas seja anulada ou aniquilada. Trata-se de um horizonte em que a relação dos dois quereres amantes se converte num processo sinergético no qual as duas vontades são absolutamente necessárias.

Ainda, e especificamente, no caso de Inácio, a conversão não pode ser dissociada de outros processos, igualmente complexos, como o discernimento (que requer liberdade, ge-

nerosidade, disponibilidade), a indiferença, o guiar-se pelo espírito (originalidade e criatividade, importante para a mudança), as moções espirituais, a eleição (pressupõe decisões já tomadas) (Duarte, 2018); todos estes processos devidamente estudados e evidenciados em manuais que refletem sobre o percurso de vida e de conversão de Inácio.

A conversão de Inácio

Se é importante perceber o que se entende por conversão, tratando-se de um processo associado a uma pessoa, torna-se incontornável que sejam consideradas as características pessoais do convertido. No caso de Inácio de Loyola importa perceber que características de personalidade apresentava que podem ter sido facilitadoras da sua conversão. Ao longo da leitura dos manuais *Diário Espiritual de Santo Inácio de Loyola*, *Autobiografia de Santo Inácio de Loiola*, *Exercícios Espirituais*, *Cartas de Santo Inácio de Loiola*, entre outros, foi possível perceber que Inácio apresentava uma personalidade forte, isto é, marcada por características como a determinação, manifestando ao longo do seu percurso decisões pensadas e sentidas (e.g. «determinei com muita paz que sim»; «ficou com defeito, mas não se resignou», «estava em sofrimento físico», «muito furor sentia»). Também se apreende desses relatos escritos uma grande vocação (e.g. «segurança da alma») e emocionalidade (e.g. «calor interior e amor intenso»), devoção e lágrimas

(e.g. «dor nos olhos por serem tantas»). Simultaneamente, Inácio mostrava-se desprendido, livre (e.g. «inclinado a não ter nada»; «vontade de não ter nada»). Os autorrelatos de Inácio evidenciam uma mente inquieta, sempre à procura, persistente (e.g. «Como me há de a mim aparecer Jesus Cristo?»; «perseverava nas suas costumadas confissões e comunhões de cada domingo...»). Ao longo do seu processo de conversão mostrou uma grande autonomia (e.g. «o irmão pediu que não se deitasse a perder»; «Inácio foi firme na resposta»; «decidiu ir sozinho»; «Ter só Deus como refúgio»), flexibilidade (e.g. «aceitava as condições que lhe iam impondo»; «serenidade enquanto esteve preso»; «o despreendimento dos bens materiais»). São várias as passagens descritas que mostram um Inácio criativo (e.g. «a originalidade associada a deixar-se guiar pelo espírito») e revelador de uma elevada regulação emocional cognitiva e comportamental (e.g. «decidiu jejuar»; «nem mostrou sinal de dor [...] apenas apertou os punhos»).

Esta caracterização da personalidade de Inácio está alinhada com o perfil de pessoas que manifestam uma motivação intrínseca, um sentido de autorregulação. Consequentemente, a conversão de Inácio pode ser entendida como resultante de um processo dinâmico e interativo entre a sua personalidade, a motivação intrínseca e a autorregulação que foi desenvolvendo ao longo da sua caminhada. É esta interação dinâmica entre o perfil de personalidade de Inácio e a conversão entendida

como um processo motivacional e autorregulado que irá ser explicada no ponto seguinte.

Uma visão construtivista e sociocognitiva da conversão

Uma proposta de compreensão da conversão de Inácio, tendo por base a Psicologia, considera as perspetivas teóricas interacionista de Kurt Levin e transacional de Altman e Rogoff. Kurt Lewin (1935) caracterizou as teorias integracionistas da Psicologia como as que estudam o indivíduo em interação permanente e bidirecional com o meio. Contrariamente, as teorias individualistas estudam apenas um dos elementos, ou o indivíduo ou o meio, como entidades separadas, sendo este indivíduo passivo, reativo em relação ao meio. No que concerne à perspetiva transacional, a mesma postula não só a interação bidirecional, mas, igualmente, postula que o indivíduo é ativo, constrói o seu meio ao atribuir-lhe significado, logo o meio está em constante mudança, devido à atribuição de significado sistemática por parte da pessoa (Altman e Rogoff, 1987). Segundo estes autores, as teorias transacionais da Psicologia concebem o meio como não existindo separado de quem lhe atribui significado. Desta forma, percebemos que perante «a mesma realidade» cada sujeito apresenta experiências diferentes, conforme o que pensa e o que sente acerca dessa realidade. Esta perspetiva transacional recente ultrapassa as anteriores apresentadas pelos mesmos au-

tores, nomeadamente a perspetiva traço, centrada no indivíduo apenas, interacionista (diferente da interacionista de Kurt Lewin), relativa ao indivíduo ainda e que estabelece apenas interações esporádicas com o meio, sendo o meio predominante na interação; e a perspetiva organístico-sistémica, esta já aceitando um sujeito ativo, em interação constante com o meio, mas em que o meio existe separadamente do sujeito, isto é, não é resultado da sua atribuição de significado.

Partindo da perspetiva interacionista de Levin e da perspetiva transacional de Altman e Rogoff, a proposta de compreensão da conversão que será descrita considera modelos teóricos, nomeadamente o construtivista, o ecodesenvolvimental e o psicossocial, que fazem partes daquelas perspetivas. Desta forma, parte-se de uma noção de pessoa multidimensional, considerando as suas características cognitivas, emocionais, sociais, fisiológicas, espirituais. Simultaneamente consideram-se os contextos de referência do sujeito, quer os mais próximos, quer os contextos em que o mesmo não se encontra inserido, mas que o influenciam, quer o macrocontexto cultural. Neste quadro teórico, a conversão de Inácio é um processo profundamente pessoal, mas, ao mesmo tempo, totalmente transformador dos contextos, da realidade construída pelo convertido. Estas condições resultam, numa perspetiva psicológica, da forma como Inácio desenvolveu dois processos: motivação intrínseca e autorregulação (Heckhausen e

Heckhausen, 2018; Lemos, 2005; Zimmerman, 2013).

A motivação tem sido definida como a força que impulsiona e dirige o comportamento. Este tipo de motivação traduz-se num comportamento intenso (indicado pelo esforço, entusiasmo) e dirigido (indicado pela seleção de objetivos). Tais características podem ser aferidas nos relatos da vida de Inácio, como por exemplo: «pensava muitas vezes no seu propósito»; «deu todos os seus vestidos a um pobre». Trata-se de um processo cognitivo, emocional, social e comportamental. Alguém motivado manifesta cognições e emoções positivas, nomeadamente estabelece objetivos, acredita que é capaz de os atingir. Estes aspectos são evidentes em Inácio nos seus relatos que mostram que acredita que vai conseguir, na felicidade que vai experien- ciando ao longo do processo de conversão, apesar das significativas dificuldades que foi encontrando. Inácio vai sentindo consolação, perseverança perante as ações dolorosas e complexas. Poder-se-á levantar a hipótese de que Inácio foi construindo o seu caminho da conversão, ultrapassando etapas, elaborando objetivos e realizando tarefas para os atingir, aproximando-o do seu objetivo final, a proximidade com Deus numa adesão total a Deus. O seu percurso de conversão nada tem a ver com resultados, mas com a atratividade, o sentido do caminho que foi construindo. A conversão entendida como um processo motivacional coloca a ênfase no controlo,

na regulação pelo sujeito autodeterminado, através da identificação. Inácio foi-se identificando profundamente com Deus. Ao mesmo tempo, trata-se de um processo integrado que pressupõe uma hierarquia de valores, uma fé enorme. Certamente a conversão de Inácio não é um processo de regulação externa ou extrínseca, pois não se associa à antecipação de recompensas sociais ou materiais, nem sequer um processo de regulação introjetada, isto é, dependentes de auto-recompensas ou autopunições (Lemos, 2005).

Pelas razões anteriormente referidas, tudo indica que Inácio de Loyola, pelas suas características de personalidade, pela sua história de vida foi desenvolvendo uma motivação intrínseca que pode ajudar a compreender a complexidade e a profundidade da sua conversão. Inácio de Loyola, desenvolvendo uma motivação intrínseca, foi capaz de ultrapassar os obstáculos, com esforço e entusiasmo, foi capaz de persistir apesar do sofrimento, e com alegria, pelo facto de percecionar uma cada vez maior proximidade com Deus. Nos vários documentos estudados sobre a vida de Inácio e sobre a sua conversão estão presentes características como uma concentração profunda, o saber o que se quer, ausência de preocupação com o «insucesso», a sensação de o tempo passar rapidamente como se este deixasse de ser importante, espírito e corpo totalmente envolvidos, satisfação ao longo do processo apesar das dificuldades sentidas, experiência de autodeterminação, de controlo interno das

situações. Todas estas características estão presentes em pessoas motivadas intrinsecamente.

Este processo de motivação intrínseca encontra-se associado a um outro processo designado de autorregulação. É a relação dinâmica entre estes dois processos que permite perceber a forma motivada, mas ao mesmo tempo equilibrada, com que Inácio foi realizando a sua conversão. A motivação intrínseca e a autorregulação são dois processos que se relacionam de forma dinâmica e de forma bidirecional.

A conversão de Inácio pode ser entendida, igualmente, como um processo autorregulatório, no qual as metas e as ações em conformidade são definidas pela pessoa do convertido, também tendo em conta os seus limites.

Inácio de Loyola foi construindo os seus objetivos, foi tomando decisões, planeando as suas ações, enquanto ia sustentando a sua automotivação. Inácio de Loyola, à medida que ia vivendo a experiência de conversão, refletia sobre a mesma, estabelecia uma relação com Deus que aumentava, sustentava o seu envolvimento ao longo do caminho percorrido. A autorregulação de Inácio também é visível nos relatos que descreve sobre a avaliação, o julgamento que vai realizando das suas ações. Esta avaliação, este julgamento, é marcado por reações de satisfação e de sofrimento, por avanços e recuos (Heckhausen e Heckhausen, 2018; Lemos, 2005; Zimmerman, 2013).

Concluindo, refletir, escrever sobre a conversão de Inácio, é uma tarefa difícil, que implica uma imersão na sua personalidade, na sua vida, no seu desenvolvimento. Ao mesmo tempo, implica uma imersão nos pensamentos e emoções do Santo. A proposta apresentada neste artigo é apenas uma forma de compreender a conversão de Inácio, considerando a ciência psicológica. A conversão de Inácio de Loyola pode ser entendida, à luz da Psicologia, como um processo motivacional e autorregulado que depende do convertido e dos seus contextos de profunda transformação do indivíduo na sua multidimensionalidade. Provavelmente, o verdadeiro entendimento da conversão de Inácio só será possível através de estudos inter- e multidisciplinares, dada a sua complexidade.

Bibliografia

Impressa

Altman, I. e Rogoff, B. (1987). World Views in Psychology: Trait, Interactional, Organismic, and Transactional Perspectives. Em: Stokols, D. e Altman, I. (eds.). *Handbook of Environmental Psychology*. Wiley. New York. Vol. 1;

Duarte, A.A. (2018). O discernimento inaciano: *Pondus hermenêutico do pontificado de Francisco*. *Humanística e Teologia*, 39: 2: 163-199;

Inácio de Loyola (1997). *Diário espiritual de Santo Inácio de Loyola*. (Trad. de Armando Cardoso S.J.). Edições Loyola. São Paulo;

Inácio de Loyola (2005). *Autobiografia de Santo Inácio de Loiola*. (Trad. de António José Coelho S.J.). Edições AO. Braga;

Inácio de Loyola (2006). *Cartas de Santo Inácio de Loyola*. (Org. de António José Coelho S.J.). Editorial AO. Braga;

Inácio de Loyola (2016). *Exercícios espirituais. Santo Inácio de Loyola*. (Trad. de Mário Garcia S.J.). Editorial AO. Braga;

Lewin, K. (1935). *A Dynamic Theory of Personality*. McGraw-Hill. New York/London;

Lemos, M.S. (2005). Motivação e aprendizagem. Em: Miranda, G. L. Miranda e Bahia, S. (orgs). *Psicologia da educação. Temas de desenvolvimento, aprendizagem e ensino*. Relógio D'Água. Lisboa;

Pacheco, T., Silva, S.R. e Ribeiro, R.G. (2007). «Eu era do mundo»: Transformações do auto-conceito na conversão pentecostal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, **23**, 1: 53-062;

William, J. (1995). *As variedades da experiência religiosa. Um estudo sobre a natureza humana*. Editora Cultrix. São Paulo;

Sirgado, A.P. (2000). O social e o cultural na obra de Vigotski. *Educação & Sociedade*, **21**, 71: 45-78;

Valle, E. (2002). Conversão: Da noção teórica ao instrumento de pesquisa. *Revista de Estudos da Religião*, **2**: 51-73;

Zimmerman, B. J. (2013). From Cognitive Modeling to Self-Regulation: A Social Cognitive Career Path. *Educational Psychologist*, **48**, 3: 135-147.

Digital

Heckhausen, J. e Heckhausen, H. (eds.) (2018). *Motivation and Action*. (3.ª ed.). Springer. Acedido em 7 de novembro de 2025, em: <https://doi.org/10.1007/978-3-319-65094-4>.